

Buscando a verdade

Muito estranha a reclamação dos companheiros da Terra, no capítulo da verdade. Invariavelmente, rogam que lhe digamos a realidade pura. Exigem-na como crianças teimosas, apaixonadas por um capricho qualquer. Entretanto, como se fosse bagatela o que pedem, solicitam manifestações quase burlescas, reduzindo-nos à categoria de simples profissionais da prestidigitação.

Determinado cavalheiro esconde o lenço na última gaveta da cômoda de pinho e aguarda-nos o pronunciamento. Devemos declarar a natureza do objeto, a qualidade do material com que foi fabricado, o móvel a que foi conduzido com tôdas as especificações. Se conseguimos a façanha, acreditará na sobrevivência. Certa senhora, por exemplo, reclama demonstração diferente. Perdeu uma jóia de prego e estimação, portas a dentro do próprio lar. Lançou ligeiras olhadelas nos ângulos residenciais e assegura que procurou minuciosamente em todos os escaninhos da casa. Depois de suspeitar com leviandade, solicita aos irmãos invisíveis seja dito o nome da pessoa que lhe subtraiu a relíquia e, quando o amigo espiritual se demora nos esclarecimentos, em obediência ao código de boas maneiras, justificando a sua

abstenção em face do escabroso assunto, a consultante interroga, intentando auxiliar:

— Não foi o Antônio, filho da vizinha da frente?

As vêzes, a entidade espiritual retarda-se nas explicações delicadas, mas a criatura insiste, inquirindo, de novo:

— Não teria sido a visita que esteve conosco na tarde de quinta-feira?

Imagine-se, porém, a surpresa do Espírito Benevolente e Sábio, ante as inesperadas interrogações. Venceria tão grandes obstáculos vibratórios, desceria de zona tão elevada, a fim de brincar de cabra-cega ou descobrir objetos perdidos, de damas preguiçosas ou malevolentes?

Acreditam outros que, pelo fato de havermos abandonado o envoltório físico, sabemos tudo o que se relaciona com a vida e com a morte. Planejam experiências engraçadas, nas quais o mensageiro invisível deve ler o trecho tal a fôlhas tantas, num livro oculto entre centenas de volumes outros, alusivos a variados assuntos. Se o companheiro desencarnado consegue satisfazê-los, admitem a visita da verdade que, para êles, se reduz a punhado de demonstrações pequeninas.

Lógicamente, tudo isso é possível. Encontrar objetos ao abandono e realizar experiências telepáticas constituem ocupações agradáveis a muitas entidades que cercam a inteligência humana, como causam enorme prazer aos jovens de recados certas intimidades domésticas que o visitante educado consideraria grosseiras e ridículas indiscreções.

Objetar-se-á, talvez, que existem nos dois

planos pessoas que se consagram a esse gênero de investigações, com objetivo científico. A moderna psicometria, por exemplo, exige certas demonstrações, que auxiliam os menos convictos; mas, nesse setor, quase sempre, a realização é levada a efeito pelo próprio sensitivo, que se ausenta provisoriamente do corpo denso, revelando capacidades transcendentais da alma encarnada.

Os Espíritos Benfeiteiros não podem utilizar semelhantes expressões fenomênicas, a pretexto de executarem o serviço edificante e eterno da verdade.

— A título de ser verdadeiro, não posso interferir na descoberta do anel de madame — explicava-me um companheiro que fôra convidado a trabalho dessa natureza — porque se eu conseguir encontrá-lo, amanhã incumbir-me-á de localizar-lhe a bôlsa esquecida na sala da costureira, na semana próxima encarregar-me-á de procurar-lhe a empregada que fugiu com o padeiro e, no mês vindouro, irá com a mente inquieta onde eu estiver, em ocupações inadiáveis e sagradas, para que eu lhe busque o espôso, perdido na embriaguez, em noites de prazeres mais longos. E se eu não descobrir a bôlsa, não encontrar a criada e não restituir o marido ao lar, como fiz no caso do anel, cobrir-me-á talvez de acusações descabidas, não hesitará em ofender a honrabilidade do médium que nos serviu caridosa-mente a ambos e é provável que se converta, por isso, em detratora gratuita da própria doutrina que nos é tão venerável, como fonte de consolação e esperança do mundo. Não podemos baratear as nossas manifestações, sob

pena de desrespeitar as funções de nosso próprio ministério.

Outro amigo nosso, bondoso facultativo desencarnado, asseverava-me, há tempos:

— A maioria dos enfermos terrestres roga-nos diagnósticos infalíveis e esclarecimentos exatos, reclamando sejam informados com realidade absoluta, alegando que nós, os Espíritos exonerados da carne, devemos ser rigorosamente verdadeiros. Como demonstrar, porém, a eles, autores de seus próprios desastres, que destruiram o fígado com as irritações inconsoláveis, que envenenaram o estômago nos excessos da mesa, que arruinaram o sangue em aventuras condenáveis, que adquiriram infecções perigosas, através da precipitação ou do relaxamento? Se lhes mostrarmos o quadro de responsabilidades em que se encontram envolvidos, nos processos patológicos, talvez não consigam permanecer no corpo, senão algumas horas, depois de nossas declarações. Todavia, lembrando nosso trânsito na carne, somos obrigados, não a mentir, mas a silenciar para o bem dêles, aguardando o tempo. Utilizando a serenidade, conseguimos salvar alguns patrimônios e preservar algumas fôrças que ainda prestam aos nossos amigos do mundo valiosos serviços.

Segundo observamos, pois, a verdade, mesmo para os que já se transferiram para a região invisível da Terra, é sagrada revelação de Deus, no plano de nossos interesses eternos, que ninguém deve menosprezar no campo da vida.

— Que é a verdade? — pergunta Pilatos, presunçosamente, a Jesus.

O Mestre, porém, respondeu-lhe com o sublime silêncio. Que expressão da verdade pode-

ria ser dada aos homens, naquela hora angustiada de Jerusalém, na qual a mentira dominava os judeus e romanos empenhados no processo da cruz? como encher de mel o vaso transbordante de vinagre?

O conhecimento supremo, como divina revelação, não é um bem transmissível. Todos os filhos de Deus, na Terra ou fora da Terra, estão procurando adquiri-lo. Ninguém, portanto, reclame dos amigos desencarnados demonstrações que lhes solucione esse problema de integração com a luz divina. A verdade não constitui edificação que se levante por informações alheias, no caminho da vida. É realização eterna que cabe a cada criatura consolidar aos poucos, dentro de si mesma, utilizando a própria consciência.

33

XXXIII

Definindo rumos

Afirma você, meu amigo, que desejaría colaborar nos trabalhos do Espiritismo cristão, seduzido pela beleza da doutrina consoladora, mas acrescenta que a complexidade do assunto lhe apavora o coração.

— Encontrei — diz você, aterrado — as mais estranhas manifestações, desde o médium, que se enquadrou no Evangelho, qual sacerdote, ao profeta grosseiro, que maneja o punhal em ritos misteriosos, cabriolando no chão, como o velho capoeira carioca. Há grupos que se dizem orientados por Espíritos de filósofos e outros que se afirmam dirigidos pelo caboclo Manassés ou por Pai Mateus, antigo escravo de recuada província do Brasil imperial. Em certas casas, ensina-se a cultivar a prece improvisada, com os valores espontâneos do coração; em outras, preconiza-se a repetição de determinado número de "padre-nossos". Em alguns lugares, a doutrinação é serena, como a palestra em residência de criaturas educadas no código de boas-maneiras; em outros, porém, verificam-se balbúrdias e gritarias. Não admite a minha perplexidade? não terei razões para o afastamento?

E você, de fato, retirou-se e permanece à margem.